

ROMA E A QUESTÃO GEOGRÁFICA

JUSSEMAR WEISS*

RESUMO

Este artigo trata da relação entre Geografia e História a partir do estudo das origens da cidade de Roma. Isto mostra-nos de uma forma clara que a questão do território só adquire importância quando relacionada a outros fatores.

PALAVRAS-CHAVE: História; Geografia; Roma; Etrúria; Política; Natureza.

Primeiramente o artigo situa a relação dos etruscos com a região que será ocupada pelos latinos, marcando sua influência e decisiva participação na transformação de um grupo de aldeia, situada em uma região privilegiada, em uma cidade – talvez tenha sido esta o grande presente dos etruscos aos romanos. Após, mostramos o processo de construção propriamente dito da cidade Roma a partir de seu desenvolvimento econômico-social.

OS ETRUSCOS

A partir de 1200¹ começa um período escuro nas regiões da Ásia menor na Grécia, que é o fim do período do bronze, que ocasiona uma revolução nas práticas que virão após essa data, e que provocarão aumento da produção, da população, da divisão social do trabalho, juntamente com o desenvolvimento tecnológico. São desse período as primeiras imigrações do setentrional, que levaram à formação, na península da Itália, de uma cultura material bastante uniforme, cujos habitantes falavam dialetos aparentados ao romano itálico, da família dos idiomas indo-europeus: os sabinos, úmbrios, samnitas, lucânios, latinos e romanos.

* Professor do Dep. de Biblioteconomia e História e do Mestrado em Educação Ambiental – FURG; jweiss@plug-in.com.br

¹ Saliento que todas as datas que aparecem neste artigo se referem ao período antes de Cristo.

Em algum momento dessa idade sem luz, os etruscos, cuja linguagem não é indo-européia, fixam-se ao redor de 700 na região da Toscana.

Os etruscos organizaram-se em cidades, ao mesmo tempo que os gregos ao sul da Itália. Realizaram conquistas ao sul, na Campânia, chegando nos limites das cidades gregas na Magna Grécia.

Esse crescimento geográfico se organizava em uma sociedade ordenada politicamente, que permitiu aos etruscos dominar Roma, então um conjunto de aldeias com uma estrutura fundada em relações de parentesco.

Para que possamos compreender melhor o significado do domínio etrusco na cidade em formação, observaremos alguns de seus feitos que transformaram esse conjunto de aldeias em uma cidade verdadeira.

Tarquínio, como rei, implantou reformas políticas, mas foi seu sucessor Sêrvio Túlio que realizou mudanças que alteraram a face política de Roma. Divisão dos cidadãos em classes:

Distribuiu os cidadão em cinco classes censitárias; a primeira, os mais ricos, e a última, os mais pobres.

Cada uma dessas classes estava dividida em centúrias. Centúrias eram divisões do povo e unidades de organização militar.

Apenas a última classe, dos totalmente pobres, não participava, já que estava isenta do serviço militar.

Essa divisão em centúrias tinha um caráter militar, e correspondia a uma especialização do cidadão no exército. Havia centúria de cavaleiros, saídos da aristocracia, cidadãos de primeira classe. As outras classes, com exceção da última, forneciam infantes, e o armamento variava conforme a riqueza.

Essa divisão militar servia também de base para as operações de voto, o que deve, com efeito prático, justificar na cidade o poder da aristocracia. Cada centúria contava um voto. Nas centúrias pobres, o voto valia menos. As votações começavam a partir das centúrias dos ricos e encerravam depois de obtida a maioria. Assim, as classes inferiores nem sempre votavam.

O sistema de Sêrvio Túlio persistiu em Roma até o final da república, e sobreviveu mesmo no império. O comício centuriato, ou seja, o povo convocado dentro de seu quadro militar, continuava a eleger, ainda na República, os magistrados mais importantes e a votar certas leis.

É preciso notar que, antes de Sêrvio Túlio, havia outro sistema. Todo o povo se encontra dividido em três tribos que usavam nomos arcaicos. Talvez essa divisão tripartide da sociedade existisse como característica dos povos indo-europeus, ou talvez seja, pelo contrário,

uma divisão étnica, e por que não uma divisão topográfica?

Cada tribo formava dez cúrias; o conjunto de 30 cúrias constituía a assembléia do povo. As atribuições desse comício curial eram muito vastas, mas certamente com Sérvio Túlio foram restringidas. É certo que o rei designado pelo senado recebe o *imperium* do comício curial como os magistrados. No entanto, essa divisão curial baseava-se em uma ligação religiosa, nas participações de um culto comum cúria, cujo sacerdote usava o nome de *curião*. Existia entre os membros de uma mesma cúria uma fraternidade sagrada.

Já podemos notar a presença de duas formas de representação, as centúrias e as cúrias. Com a República, surgirá um terceiro tipo. Esse terceiro tipo de classificar o cidadão que vai se sobrepôr aos outros dois se concretiza a partir do crescimento da plebe, que ocasiona o reconhecimento oficial de sua assembléia como um comício, que assume o nome de comício tributa.

Esse comício tinha por quadro não as tribos centurias de Sérvio Túlio, mas quatro tribos de caráter topográfico criadas por Sérvio. Essas quatro tribos correspondiam às regiões em que o rei dividiu a cidade. Observa-se na história romana que com o passar dos anos alguns comícios tornaram-se apenas simbólicos, formais como os curiais, que ficaram reduzidos na prática a uma consagração religiosa.

Podemos, então, notar que a tradição ligava o nome de Sérvio Túlio a um trabalho de organização administrativa, cujas conseqüências se desenvolveriam ao longo da história romana. A partir de Sérvio, a cidade, que até então era constituída por elementos independentes da riqueza, talvez de residência, viu-se ligada ao solo.

Na verdade, é Sérvio Túlio que funda politicamente Roma. Criou o censo, trabalho que consistia em elaborar, de cinco em cinco anos, listas dos cidadãos, e atribuir a cada um deles um justo lugar na cidade, conforme sua idade e riqueza. A realização do censo era precedida de rituais. O povo organizado em centúrias, enquanto soldados, no campo de Marte. O celebrante, rei ou magistrado, fazia circular ao redor da multidão um porco, um touro, uma ovelha, que depois eram sacrificados aos deuses. Com esse ato começava um lustro, período de cinco anos, no qual o censo tinha validade.

Essas reformas políticas e administrativas foram acompanhadas pela exclusão material da cidade e, conforme alguns historiadores, pela construção de muralhas.

As reformas de Túlio em seus vários aspectos testemunham uma decisão, uma direção, um pensamento: substituir antigos quadros religiosos por uma dupla organização simultânea: censitária e topográfica. Ele realiza verdadeiramente a reunião de várias aldeias em

uma cidade unificada. Ao dotar a cidade de uma muralha comum, fazia-se na prática a unidade da mesma. Teria sido tudo isso obra apenas de Sêrvio Túlio? Parece, mas o importante é que essas mudanças fizeram de Roma uma cidade com ordem política.

A RELIGIÃO

Os etruscos influenciaram os romanos na conformação de sua religião. Os principais grandes santuários, e muito particularmente os que viriam a se tornar os símbolos do poder romano: o templo de Júpiter, no Capitólio, por exemplo. Esse templo, segundo Tito Lívio, foi construído por Tarquínio, o antigo; e é também desse período o culto da tríade divina – Júpiter, Juno e Minerva.

A construção do Capitólio marca a introdução em Roma da arte etrusca e do nascimento de uma arte romana. As oficinas etruscas dominavam as artes plásticas. Primeiro, sob domínio da arte coríntia, e depois, jônica, desenvolveram, em particular, placas de terracota ornadas de relevos, destinadas a serem embutidas nas fachadas dos templos, formando frisos. Com os etruscos, os romanos se abrem à arte helênica.

Com os etruscos, os romanos entram na vasta comunidade da civilização mediterrânea, precisamente no momento em que, na Grécia das cidades, surge o helenismo. Os quadros da vida política romana estão formados, e da realeza derrubada surgem as magistraturas.

O fim do século VI marcou o ponto crucial da história etrusca. A derrota em Cumas e a rebelião romana já anunciam uma crise que os fará desaparecer. Nesse momento, o surgimento de uma Roma independente projeta um acontecimento prenhe de conseqüências para o futuro da região. Em relação aos etruscos, não houve uma expulsão, mas uma assimilação, ocasionada por uma mudança política que marcaria Roma profundamente.

O mapa da Itália seria, assim, habitado por itálicos e etruscos, até Nápoles, e gregos, na Itália meridional e Sicília.

ROMA: GEOGRAFIA E HISTÓRIA

A situação geográfica de Roma é excepcional, conforme afirma Coarelli, mas somente se revela excepcional depois de uma série de acontecimentos históricos, e entre esses acontecimentos está a fundação das colônias gregas na Itália meridional e o desabrochar da civilização etrusca.

Antes da fundação de Roma, descobertas recentes permitem

reconstruir um quadro suficientemente completo e coerente do ponto de vista da história do Lácio, entre os fins da idade do bronze e a idade do ferro.

O momento decisivo dessa evolução parece ter sido a passagem da primeira idade do ferro no Lácio para a segunda idade do ferro, que, tudo indica, teria acontecido juntamente com a fundação da cidade de Roma, ao redor de 754, 753 ou 747. Essa passagem também coincide com a data de instalação das primeiras colônias gregas no ocidente, Ischia, 780-770, e Cumas ao redor de 750.

Nota-se, a partir do século VII, uma transformação das necrópoles, que, de dimensões reduzidas, assumem vastas proporções. O crescimento demográfico coincide com o crescimento produtivo da agricultura, que está ligado ao desenvolvimento de novas ferramentas.

ROMA E A VIRTUDE AGRÍCOLA

Enquanto seus vizinhos etruscos conheciam seu apogeu na produção de cereais, os romanos ainda viviam no pastoreio, e é com os etruscos que eles vão se transformar em agricultores. Essa transformação foi tão importante para eles que, a partir de então, o mundo da agricultura tornou-se o lugar ideal da produção da virtude necessária à vida pública. No entanto, o que significa historicamente a passagem de uma economia pastoril a uma agrícola? É fato já tido como esclarecido que, antes da fundação de Roma, a criação de animais era a forma dominante de atividade econômica na região. A fundação de Roma, conforme nos diz a lenda, é o primeiro ato de um mundo agrícola, ou seja, a demarcação das terras da futura vila com a ajuda de um arado. Esse ato lendário levado a efeito por Rômulo, delimitando o perímetro da cidade, talvez seja a tradução pela lenda de uma mudança fundamental para a vida da futura cidade. Esse mito encerra uma passagem que produziu mudanças fundamentais nesse mundo em formação. Antes da fundação de Roma, a sociedade existente teria como base de organização a estrutura indo-européia, que compreendia uma classe dirigente guerreira que surgiu como resultado das invasões no fim do período do bronze. Essa região habitada pelos latinos e sabinos sofreu mudanças profundas. Podemos observar, também, uma fixação cada vez maior da população, que abandonava seu *habitat* disperso e concentrava-se em algumas localidades. Mas as atividades agrícolas precisam de um grupo maior de pessoas para concretizar a produção, mais do que aquela que se dedicava ao

pastoreio. Essa necessidade de mais trabalhadores² para a agricultura propiciou uma nova divisão social, que talvez tenha se realizado a partir de uma guerra que envolveu os velhos grupos sociais, aos quais Tito Lívio³ faz referência na juventude de Rômulo. Essas mudanças aparecem também em Columela e Varrão⁴: “aqueles que trabalham a terra também fazem a guerra”. Essas mudanças se fizeram de maneira violenta e permitiram o nascimento do período agrícola em Roma.

A melhoria técnica do instrumental agrícola, o aumento da produção, o crescimento demográfico, a criação de centros de habitação permanentes são, visivelmente, fenômenos estreitamente solidários.

A integração de antigos clãs familiares em estruturas amplas deve ter provocado, por sua vez, consideráveis transformações com reflexos na divisão dos ofícios, como resultado do surgimento de novas técnicas e de novos instrumentos, como, por exemplo, o torno do ceramista. Esse movimento de desenvolvimento produtivo e das técnicas incidiu sobre o comércio, levando ao aumento da produção ligada às trocas. Essa dupla ação ameaça o artesanato em seu contexto familiar, orientado para o consumo imediato, e cria condições para a especialização dos ofícios. Esse crescimento produtivo e mercantil na região do Lácio sofre a interferência da fundação das colônias gregas no sul da Itália ao redor dos anos 780, conforme acima citamos. É desse período que datam as importações das primeiras cerâmicas gregas para Roma. É também possível que artesãos gregos possam ter chegado no Lácio trazendo os novos instrumentos, entre outros o torno. Foi por essa época que começou a produção regular de cerâmica nessa região, utilizando para isto o torno.

Com esses fenômenos econômicos, acontecem transformações sociais de grande importância. As necrópoles da primeira idade do ferro da civilização do Lácio eram compostas por túmulos idênticos. Havia uma uniformidade absoluta de nível e de cultura. Parece possível a hipótese de que estivéssemos diante de uma sociedade igualitária, sem distinções marcadas de classe ou de níveis econômicos. Já nas fases mais recentes da idade do ferro, nota-se claramente uma ruptura com essa uniformidade. Ao lado de túmulos pobres, aparecem outros, dotados de materiais extremamente ricos, seja pela qualidade dos objetos, seja pelo valor do material empregado, ouro, âmbar. O que é notável é a quantidade de peças depositadas nas tumbas. Percebe-se, objetivamente, que não se pode separar esses processos de

² Sobre essa questão, ver: Brunt, 1979, p. 15-16.

³ Bloch, 1965.

⁴ Sobre estes autores, ver: Martin, 1971.

diferenciação nos enterramentos daqueles já citados anteriormente, isto é, crescimento demográfico, aprofundamento da divisão dos ofícios, novas técnicas e o desenvolvimento de um mercado. O que articula essas mudanças, dando a elas sentidos e direção, é o surgimento de um novo tipo de relação de propriedade marcadamente privada que funciona como catalisador desse desenvolvimento em direção à projeção de uma aristocracia que se aglutina ao redor da terra e da guerra. A concentração da terra e da riqueza e a emergência de uma aristocracia acontecem durante a última fase da cultura do Lácio, 758-700. Nessa fase, estamos na presença de uma sociedade dividida em classes, ainda embrionária, composta por uma aristocracia dominante e de clientes ao lado dos quais devem ter surgido algum tipo de escravidão. No plano social, surge uma nova classe: a do soldado-camponês, que passa a usar o arado e a lança. Este é o tipo de homem que se tornará o ideal da virtude republicana. Tanto a pequena como a grande propriedade produzem para vender e não unicamente para o consumo próprio. Dessa forma, a partir desse período, nota-se a passagem de uma agricultura voltada para uma economia natural, para uma ligada à venda do excedente de uma regular e conseqüente.

No início da República, o cidadão era um pequeno proprietário que possuía, talvez, um ou dois escravos, suficientes para o cultivo de sua propriedade junto com sua família. Ele fazia a guerra de março a outubro, quando então voltava para cultivar seus campos.

Esse processo de complexificação social é atestado pelo aparecimento da escrita nessa região ao redor do século VII. O alfabeto adotado para o latim como para o grego e o etrusco é o grego calcídico, importado da colônia grega de Cumas. Nesse momento de grande transformação, a escrita surge, a princípio de forma, a partir de uma prática esporádica, reduzida ao mundo do aristocrata, como luxo, sem alterar a construção oral da cultura do período. O emprego público da escrita, ou seja, a instituição de leis, se dá ao redor do início do século VI com o processo crescente de urbanização na região.

DA NATUREZA HISTÓRICA

Após termos esclarecido os fundamentos socioeconômicos que determinaram o surgimento da cidade, voltemos agora ao título que nos convida a uma especulação entre situação geográfica e história, ou: qual a importância do local onde Roma se projetou como cidade? Começemos pelo rio. O Tibre é uma fundamental via de navegação, e principal via de penetração natural para a Itália central. No momento em que vias terrestres eram onerosas – em tempo e custo –, o rio se

colocava como opção viável a partir do porto de Óstia até o mar. Era utilizado para o transporte de produtos agrícolas e minerais e de materiais vindos da Etrúria. Para cruzar o Tibre, havia poucos vaus, o que fez com as populações se reunissem perto desses locais de passagem, impedindo a circulação de outros grupos pelo mesmo local. Dessa forma, o Tibre é dominado pelos latinos, que destroem as populações que vivem à margem do rio com o intuito de se transformarem em senhores do Tibre.

Roma surge na intersecção de caminho, nódulo de comunicações da rota que une a Etrúria à Magna Grécia. A cidade nada mais é do que o resultado da estruturação progressiva desse entrelaçamento constituído pela geografia e o que se estabelece pouco a pouco dentro de um quadro socioeconômico preciso. Assim, a partir de um lugar, certamente privilegiado, podemos notar o movimento a partir do qual a geografia torna-se vantagem para a construção de uma série de acontecimentos que revelam a excepcionalidade do local.

BIBLIOGRAFIA

BRUNT, P. A. *Conflits sociaux en republique romaine*. Paris: Maspero, 1979.

HEURGON, J. *Rome et la Méditerranée occidentale jusq'aux guerres puniques*. Paris: Nouvelle Clío, 1969.

BERNARD, J. *La colonisation grecque de l'Italie méridionale et la Sicile dans l'Antiquité*. Paris, 1957.

BLOCH, R. *Les origines de Rome*. Paris, 1959.

_____. *Tite live et les premiers siècles em Rome*. Paris, 1965.

GRIMAL, P. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, 1984.

_____. *Les siècles de Scipion: Rome et hellénisme au temps des guerres puniques*. Paris, 1975.

MARTINEZ- PINA, J. *La Roma primitiva*. Madrid: Akal, 1990.

MARTIN, R. *Recherches sur les agronomes latins*. Paris, 1971.

PALLOTINO, M. Le origini storiche dei popoli italici. In: *Relazione del X Congresso Internazionale di Scienze Storiche*, 1953, t. 2., p. 3-60.

GRANDAZZI, Alexandre. *La fondation de Rome: reflexion sur l'histoire*. Paris: Hachette, 1997.

